

pessoa do senhor pela sujeição ao solo. Quando, por fim, no século XII, uma bula do papa Alexandre III proclamou a abolição geral da escravatura dentro da Cristandade, isso, em território europeu já não representava senão a homologação dum estado de coisas aliás já existente, pois, em parte alguma havia ainda escravidão sob a forma conhecida na antiguidade e sim imperava por toda parte a servidão e a geira.

O islamismo, exatamente como o cristianismo, concebe a igualdade de todos os homens como uma igualdade metafísica. Perante Deus, não há diferença alguma entre homens livres e escravos, entre brancos e pretos, entre ricos e pobres. "O' homens!" prèga Maomé, "Fostes criados dum homem e duma mulher para compreenderdes que, sem consideração da origem somente aquele dentre vós que teme a Deus é por Ele o mais estimado!" Não obstante isso, as diferenças das condições terrenas são tão pouco combatidas pela doutrina maometana quanto pela igreja católica ou protestante.

Ao passo que as épocas anteriores limitaram seus esforços a modificar, na prática, as fronteiras entre as castas políticas e sociais existentes, alargando aqui e ali o círculo dos privilegiados, abrandando abusos ou operando violentamente uma permuta das fôrças no poder, a Revolução Francesa, muito mais radical, acaba com tôdas essas diferenças.

"Todos os homens nascem livres e iguais em direitos e assim permanecem". Esse preâmbulo da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão imitada da declaração de independência dos Estados Unidos e promulgada pela Assembléia Nacional de Paris a pedido de Lafayette, já não se detém ante muralha de cidade alguma, ante condição alguma. Essa declaração empresta ao homem em si uma nobreza natural que não se pode perder nunca e abrange, por conseguinte, também os escravos da época moderna, os servos e os que estão sujeitos à geira. Com isso, cria-se mais do que uma nova fórmula para reivindicações há muito admitidas: as conseqüências de tal acesso dos não-livres a um direito igual aos outros ultrapassam a esfera dos interesses políticos, para transformar fundamentalmente as relações entre cada homem.

A grande festa da Federação no Campo de Marte, a 14 de Julho de 1790, era destinada a emprestar realidade concreta a essa igualdade de todos, engendrada pela proclamação dos Direitos do Homem. Tôda a França e até o mundo inteiro são convidados a participar dos festejos. Das províncias mais longínquas, centenas de milhares de pessoas com os chapéus ornados de cocardas e de fôlhas de carvalho, encaminham-se a pé, a-cavalo, e em carruagens para Paris.

Lá, faz muitas semanas, que gente de tôdas as condições pega quotidianamente da pá e, cantando o estribilho do "Ça ira!", num trabalho voluntário em comum, empenha-se em transformar, para a festa a praça num imponente anfiteatro, capaz de abrigar centenas de milhares de espectadores. O próprio rei, igual entre iguais, coopera nesta obra. No dia da festa, os representantes de todos os departamentos prestam juramento à nova Liberdade, à Constituição e à Declaração dos Direitos do Homem, no altar consagrado por duzentos sacerdotes.

Participa também da grande festa uma "deputação das raças humanas" conduzida pelo barão alsaciano Anacharsis Clootz e composta de figurantes fantasiados pertencentes a uma companhia de comédias. Entre êles, vemos, em trajes fantásticos, representantes de tôdas as nações: um chinês, um espanhol, um inglês, um austríaco, um negro e, misturado a êles, um caldeu de barba ondeante e barrete ponteagudo. Todos êsses povos, declara Clootz à Assembléia Nacional, tiveram notícia do ato de libertação da França e mandaram seus embaixadores para que estes se podessem convencer, de visu, do triunfo da Igualdade. E, sem espantar-se da presença do representante da nação caldéia, há muito extinta, a Assembléia Nacional autoriza solenemente os figurantes do barão Clootz a assistirem à grande festa de Confraternização.

Aos morteiros que, no dia 14 de julho de 1790, são disparados em sinal de alegria, nas colinas do Campo de Marte, respondem os canhões e os fuzis das localidades vizinhas e, continuando assim de aldeia em aldeia, repercute até as fronteiras mais longínquas da França um violento ribombo de trovão gerado por seres humanos. Mas a idéia dos direitos do homem ultrapassa de muito essas fronteiras e, por tôda parte, no mundo, inflama as almas. Goethe descreve como a Alemanha soltara gritos de júbilo "quando o primeiro fulgor do novo sol despontou, e se ouviu falar dos direitos do homem comuns a todos". Nos territórios de Hannover, Baden, Hesse e da Alta Baviera, dera isso lugar a tumultos. Em Hamburgo, realiza-se, em honra da revolução libertadora da humanidade, uma festa pública, à qual comparecem as senhoras, usando chapéus de palha com as côres nacionais francesas.

Fichte saúda na Declaração dos Direitos do Homem, a alvorada duma nova era. Hegel a celebra, por sua vez, como a aurora duma época admirável, Kant descobre nela a confirmação de que a humanidade se encontra em contínuo progresso. O príncipe Carlos Constantino de Hesse, daí em diante, faz-se chamar "citoyen Hesse" e declara-se adepto fervoroso da nova doutrina. João von Müller exalta o dia da queda da Bastilha como "o mais belo desde o fim do império universal romano".

Também na Inglaterra, no princípio, a Revolução encontra, uma multidão de admiradores, especialmente entre os Wighs opositores.